I. 2684/18 B.

NOVA PHENIX

RENASCIDA::

Nova Phenix Renascida

COIMBRA — Rua da Matemática, 1

DIRECTOR
Luiz Vieira de Castro

SECRETÁRIO E EDITOR
Luiz de Sousa e Vasconcellos

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO DIRECTOR

Número avulso, 1:000 réis (um escudo)

MANOEL DE MENEZES. . . . . *Portugal Literário*
JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO *Sonetos*
ERNESTO GONSALVES . . . . . *Dos Bailados Russos*
CAMILLO CASTELLO BRANCO *Duas Cartas Inéditas*
LUIZ VIEIRA DE CASTRO. . . . . *Espiritual* (conto)
ALVARO MANSO DE SOUSA. . . *Poemas Orientaes*

IDEIAS & FACTOS

CRÓNICA — VIDA ARTISTICA E LITERÁRIA

A NOVA PHENIX RENASCIDA publica duas "cartas inéditas„ de

CAMILLO CASTELLO BRANCO

às quaes se seguirão outras de vários escritôres celebres de Portugal.

LIVRARIA DEPOSITÁRIA

F. França Amado, Sucessor — R. Ferreira Borges, 103 a 111 — COIMBRA

DEP. LEG.

N.º 1 COIMBRA JULHO DE 1921

Nova Phenix Renascida

LUIZ VIEIRA DE CASTRO, DIRECTOR

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

R. 78995

Portugal Literário

Findo o periodo da guerra, em que preocupações doutra natureza absorveram a humanidade, um completo desnorteamento se apoderou de toda a literatura, e dum modo muito particular, da literatura nacional. Tam grande e tam caracterisado, que não permitiu á critica o exercicio sereno da sua nobilissima função fiscalisadôra e orientadôra.

Durante estes tres anos de pseudo-paz, tentou-se em Portugal uma espécie de inquérito, afim de indagar das tendencias predominantes da literatura contemporânea. Esse inquérito, porem, redundou num perfeito *fiasco*, mercê da incompetencia de quem o iniciou e dirigiu, pois o sr. Alvaro Maia tem uma constituição fisica que não lhe permite ver as coisas a direito. Não se pode dizer tambem que os interrogados, na sua maioria, tivessem compreéndido as responsabilidades da sua missão, o que não nos admira tanto, visto que muito poucos dentre êles conquistaram legitimamente a autoridade que o vulgo lhes atribue. Estas duas circunstâncias reunidas deram em resultado o insucesso da tentativa, e um maior obscurecimento na marcha da nossa literatura.

Estavamos ainda em guerra, quando publiquei o meu opusculo *A Novissima Geração*, que devia iniciar uma série de estudos sôbre os nossos tam impropriamente chamados «homens

de letras». As razões atraz indicadas; o desvairamento e a deshonestidade do maior numero dos escritôres portuguezes, aconselharam-nos a adiar essa tarefa, para quando socegasse um pouco a fervura em que borbolhavam tantas reputações erguidas sabe Deus á custa de que inconfessáveis processos.

Ao fim de tres anos constatamos, porem, que a confusão é cada vez maior, e que o talento é cada vez menos necessário á conquista dum posto de honra na nossa historia literária. Continuam grimpando na escala comercialisada do sucesso, pessoas que nunca lograriam saír duma justa obscuridade onde quer que existisse uma critica severa e um publico educado.

Os homens de letras portuguezes afivelam as mais correntes predilecções da hora actual, numa espécie de jogo de bolsa deprimente e canalha. Por exemplo, conhecemos nós alguns, para quem a vida não passou ainda duma simples função sexual, e que se arvoram em pregoeiros dum espiritualismo *á outrance*. E assim sucessivamente...

Por sobre toda esta degringolada, por sobre toda esta feira de vaidades balofas e de falsas reputações, a critica arrasta-se com uma indiferença bovina e com uma inconsciencia pavorosa. Fácilmente o provaremos, lembrando, numa breve resenha, os nomes dos *consagrados* da nossa literatura contemporânea.

Posto de parte o sr. Julio Dantas, unico que o bom-senso acabou por colocar fora de toda a apreciação, e cuja obra vive hoje apenas dum banal compadrio literário que a rèclama e artificialmente a sustenta; e não tomando em linha de conta o sr. Malheiro Dias, que o Brazil conseguiu inferiorisar; — bastanos analisar a *qualidade* dos restantes super-homens da nossa literatura, para ajuizarmos, com verdade, da sua pobreza e desorientação.

Temos um exemplo flagrantissimo no caso do sr. Antero Figueiredo, que se criou a si-próprio uma fama de literato intangivel, sem consideração nenhuma para com o publico que o tolera. Deve ser dada em breve á estampa uma obra em que um novo e conhecido escritôr faz ao sr. Figueiredo a mais completa exautoração de que haverá memória na nossa história literária. E é necessário que essa obra se faça, e que comece pelo sr. Figueiredo, (Antero, nunca — o mesmo Figueiredo...), pondo a claro toda a miseria mental e literária que os seus livros

representam, tanto sob o ponto de vista artistico como sob o ponto de vista scientifico. Depois do auctor paquidermico da *Leonor Teles*, virão os outros...

É urgente que uma critica impiedosa recaia sôbre esses homens que tão altamente teem prejudicado a nossa literatura, e que, com a sua obra inferior e inutil, estão a desacreditar-nos. Que haja uma relativa benevolência para os que começam, admite-se ainda um pouco, — mas que se consintam e favoreçam certas reputações e celebridades, é um crime de lesa-inteligência, e um atentado contra a nossa honra de portuguezes e de europeus.

Tenhamos o desassombro de educar o publico que quer aprender a ler... Para isso, principiemos por confessar todos os erros em que temos incorrido até aqui. Não falemos mais na prosa metrificada do sr. Antonio Patricio; acabemos com o possidonismo literário do sr. Sousa Pinto. Digamos claramente ao publico que o sr. Augusto de Castro, nas horas em que não veste a sobrecasaca de Acácio, é *tout court* um croniqueiro assucarado e frivolo.

E chamemos á ordem os homens que teem responsabilidades, para evitar que o sr. Lopes Vieira, por exemplo, reincida no erro que cometeu com João de Deus, de cuja obra fez uma selecção que tem de ser, por seu turno, seleccionada.

Outro sintoma grave da nossa decadencia é a invasão das mulheres no nobre campo das letras, com uma torrente de livrinhos fáceis e banaes que, expremidos, são mais um triste documento da nossa mentalidade desvigorada e chôcha. Poderiamos apelar para a gente nova... Mas esta, com poucas excepções, está a dar tambem um lamentavel espectaculo de pelintrice mental, creando e mantendo uma *arte* completamente falsa, á custa de trocadilhos tôlos e de frases *à rebours*: — pirotecnia barata com que procuram deslumbrar o indigena desmiolado e, sobretudo, imbecilisado por tanta fancaria.

Neste tremendo cahos não se devisa um rumo elevado e nobilitante. Os ultimos valores, pertencem quási todos ao *avant-guerre*.

A unica geração (no sentido vulgar da palavra) que se impoz nesta ultima duzia de anos, pela sua cultura e pelo seu espirito, anquilosou-se na politica, que exclue dum certo modo

a ideia de Arte, sobretudo quando esta procura servir aquela. Em todo o caso, foram os ultimos a afirmar-se como valores positivos, com uma orientação de conjunto muito notavel e com um plano de acção cujo triunfo é já hoje incontestavel.

Descontando estes, e eliminando os anteriores, restam a Portugal alguns escritôres que salvariam talvez a dignidade das nossas letras, se em volta de quási todos êles se não fizesse hoje um criminoso silêncio, ou se os não tivessem votado, na maioria, a um esquecimento feroz, atropelados como foram por todos os *parvenus* da celebridade que atraz citámos.

Há muitos espiritos notáveis e muitos artistas encantadores, de quem o publico mal se lembra já... Um dia lhes diremos aqui os nomes, embora no Chiado continue triunfando o pedantismo oficial e consagrado. Pode a nossa voz gritar no deserto, que essa perspectiva não nos aflige. A critica faz-se com a verdade, e com muito desassombro, lutando sobretudo contra certos preconceitos que, por assumirem uma pose intelectual, teem de ser mais rijamente desmascarados. Assim iremos tentando realizar esta obra de purificação e de justiça, remetendo aos logares que merecem todos aquêles que, bem ou mal, ocupam na literatura portugueza um posto de destaque.

É um trabalho dificil e ingrato; mas para êle contamos com o auxilio de alguns belos espiritos criticos que se propõem, em obras sucessivas, analisar o estado actual das nossas letras, e dar a medida exacta do valor dos seus nomes mais representativos.

Com verdadeiro prazer iniciamos essa tarefa nas páginas da *Nova Phenix Renascida*. Esta revista não é orgão de nenhuma côterie, nem tampouco se apresenta com qualquer programa determinado, pois bem sabemos todos o que vale o pedantismo dum programa... Dada a inteira liberdade de espirito, elegante, ordenada e europeia, com que esta revista vem a publico, é para mim um nobre prazer mental dar-lhe o pouco que a minha colaboração representa, não pelo seu próprio merecimento, que, áparte a sinceridade, é nulo, mas, e sobretudo, pela alta esperança de vêr a *Nova Phenix Renascida* crear em volta de si um ambiente propicio á grande obra de cultura e de afinamento de gosto que é imperioso realizar, para rehabilitação das letras portuguezas.

MANOEL DE MENEZES

SONETOS

Curvado á beira da cisterna, o moço
cheio de graça, o helenico Narciso
olha no espelho flutuante o aviso
do tempo: as nuvens indo em alvoroço.

Subitamente, move-se no poço
— agora azul, que o ceu reflete, liso —
uma imagem que é linda como um friso
toda, dos pés aos flancos e ao pescoço.

Andam abelhas em redor zumbindo.
Pelos campos desertos vão abrindo
rosas vermelhas e jacintos de ouro.

Mas nada abala o sonho em que se prende.
Continuamente para o fundo estende
as mãos em busca dum efebo louro.

1918.

« No palácio real, junto a Messenas,
contemplo anciosa os horizontes largos
e passo os dias sempre iguaes e amargos
ouvindo estranhas, rudes cantilenas.

Esperando um irmão, eu vivo apenas
para a vingança de meu pae, Rei de Argos.
A minha vida não tem mais encargos
e as outras coisas são banaes, pequenas.

Eis pela doce e branda paz nocturna
um emissário vem, de quem recebo
uma formosa, preciosa urna.

E diz: Ele morreu. Venho entrega-la,
a sua cinza, Electra. *E então percebo*
que é o próprio Orestes, meu irmão, que fala ».

1918.

No horto pascal, em volta da choupana,
aonde, ás tardes sossegadas, venho —
ouvi agora, por acaso, um anho
balir na sua voz tão quase humana.

Aventurou-se... A confiança engana.
Tão noite já! E aonde irá o rebanho?
E penso (eu que bem só ficado tenho)
que a mesma dor de exilio nos irmana.

Calou-se. O poente palido se ofusca.
Sonha talvez que S. João, chegando,
ao pescoço uma fita azul lhe aperta.

Tresmalhados da vida, i-vos em busca
do destino perdido! nunca entrando
por qualquer porta no caminho aberta.

1920.

« Oh lembrança de amor, oh viridente
flor de outonaes jardins, cortada cerce,
que eu vi nas minhas mãos desvanecer-se
Como uma vã teoria insubsistente,

aonde páras ? Insistentemente
teu cheiro, como o dum doirado alperce,
tão perturbante enlevo ainda exerce
junto de mim, que não crêra ausente !

Oh alma de jasmim, oh luminosa
esfera de cristal, quimera de oiro,
saüdade de ha muito pressentida ! :

No fruste enlace a morte piedosa
veiu, e não sei qual nesse sonho loiro,
qual foi de nós o que ficou sem vida ? »

1921.

João Cabral do Nascimento.

Dos Bailados Russos

Ainda me foi dado colher, nessa época de indecisão e paradoxo, que foi os primeiros anos da grande guerra, a flôr envenenada e dum pertume perturbante que crescia no horto lunar dos bailados russos. Guardo no estojo de sândalo da minha saudade esse aroma que me faz sorrir, quando destapo esse cofre de segredos, com aquela ironica ternura que todos nós temos pelos nossos entusiasmos antigos e que fenecêram, dentro da vida, por não possuirem o divino ritmo de tudo o que é natural e profundo. Será um têma esplendido para um critico superior essa época anarquisada em que o meu espirito se formou. E se eu recebi nessa hora definitiva para a minha evolução o impulso que me conduziu num heróico orgulho até os luminosos cimos intelectuaes, outros, no entanto, continúam numa mascarada macabra e burlêsca perdidos na feira da sensibilidade que vive para si egoistamente, vergando-se sobre si própria, sem contacto com a divina vida do Espirito e da Inteligencia. O *Ballet Russe* foi a iluminura, composta com chama e com ritmo, colocada nessa época do *avant-guerre*, que ficará sendo conhecida no mundo pela idade do desvairamento; em que o homem se agitou, numa histérica alucinação, entre todas as duvidas e extravagancias, sem atender ao ritmo sereno, tiranicamente sereno, das cousas criadas. Sem disciplina, sem a regra clássica do pensamento, a agitação intelectual dessa época foi uma investigação delirante de ineditismos, um rebuscar civilisações mortas, um desejo exasperado de exotismos para que a sêde que a devorava se extinguisse.

Mas era tudo em vão porque ela redobrava cada vez mais

de intensidade dolorosa. Por isso os bailados russos fôram a sua síntese, magnifica na verdade, mas tão distante de nós, pela sua essencia decadente, como de nós fica longinquo o modo de ser do *avant-guerre* cuja expiação os homens sofrêram no sacrificio das batalhas. Os bailados russos, tal como os vi num nebuloso momento da minha evolução, em que a Raça despertava (o mesmo poderiam dizer tantos artistas e pensadores que pertencem á minha geração) e tal como êles ainda hoje se apresentam deante de plateias cosmopolitas, sôma anónima de sensibilidades que chafurdam na lama de emoções doentes e perversas, — inspiraram-se no decadentismo desse período, cujo perfume opiante eu ainda pude recolher e cujo epitafio foi escrito, com a serena luz do Espirito e da Inteligencia, pelo martirio das batalhas onde a vida se purificava, subindo idealmente até o Reino onde vivem a Piedade e a Beleza. Pela sua côr, que é um dos seus maiores encantos, ha bailados russos que lembram Gustave Moreau, outros, algum pintor intensamente moderno que tivesse bebido o filtro da orgia decadente. Mas alguns outros bailados, esses verdadeiramente russos, vivem num sonho bisantino de côr; desse bisantinismo que os senhores feudaes eslavos, barbaros cristianisados, levavam para os seus dominios e que lá conservavam, num ambiente de ouro e lavarêda, pelos muros das suas catedraes e castelos. Assim, por exemplo, « Thamar », duma tonalidade moscovita, estilizadissima, onde fácil nos é advinhar a solidão mistica da planicie cheia de neve, e essa religiosidade penetrante, barbaramente anarquica, de todas as obras eslavas. Mas como este ensaio é antes um voltar atraz num livro querido, onde em cada folha se conservam, com um ar espiritualisado, a mancha duma paisagem, o leve abeirar-se piedoso duma alma, a ása voada dum pensamento, eu evocarei alguns dos bailados que nessa época mais me interessáram e cujo desenho coreográfico foi para mim uma lição de Linha e de Atitude. Neste momento lembrar a « Scherazade » é sentir na minha face uma mascara de perfume. Ela aí vem, escrava tentadora, vestida numa sumptuosidade de sedas ligeiras, que esvoaçam como vôos de côr acêsa, surgindo do carnaval das idades, neste momento em que eu exumo ironicamente o que no meu passado existe de morto, perdido na cinza das cousas futeis... « Sche-